

## Poder e verdade a partir de Michel Foucault

### Power and truth from Michel Foucault

**Brena Costa de Almeida**  
**Mestranda em Sociologia e Direito pela UFF**  
**Mestranda em Sociologia pela UFF**

**Resumo:** O presente artigo busca compreender as relações entre poder e verdade a partir da obra de Michel Foucault. Caracteriza-se por propor o poder não apenas de modo repressivo, mas também em sua parcela produtiva, já que ele produz discurso e formas de saber, nesse sentido, busca a verdade não como um absoluto, mas como uma produção das práticas sociais, que se compõe pelo poder e também é geradora de efeitos de poder na sociedade.

**Palavras-chave:** Poder; Verdade; Michel Foucault.

**Abstract:** This article seeks to understand the relationship between power and truth from the work of Michel Foucault. It is characterized by not only the power to propose so repressive, but also a portion of their production, as it produces speech and ways of knowing, in this case, seeking the truth not as an absolute, but as a product of social practices, which is composed by the power and also generates effects of power in society.

**Keywords:** Power; Truth; Michel Foucault.

### Introdução

Na presente pesquisa busca-se delinear como se dão as relações entre poder e verdade a partir da obra de Michel Foucault, mais precisamente dos livros *A ordem do discurso*, *A verdade e as*

---

*formas jurídicas, Vigiar e Punir, Microfísica do poder, Ditos e Escritos – IV e Ditos e Escritos – V.*<sup>1</sup>

Para desenvolver nosso tema faz-se necessário compreender, ainda que em breves linhas, uma composição dos múltiplos caminhos percorridos pelo autor. Acreditamos que uma trajetória filosófica como a de Michel Foucault não pode ser compreendida separadamente, mas sim como o conjunto de um pensamento que é marcado por uma atitude: a de pensar de outra forma, a de pensar de um modo diferente do tradicional, assim é impresso seu traço, de um passo a outro, ou melhor, de um salto a outro, trazendo consigo aquilo que o impulsiona e o leva para outro nível de pensamento.

Pode-se dizer então que Foucault efetua seu pensamento através de um lançar-se em aventuras, a partir de necessidades, de crises que impulsionam essas viagens únicas, procedendo à travessia de caminhos que levam a mudanças, a saltos dentro do próprio pensamento, saltos que vão do saber ao poder, e deste aos modos de subjetivação, não abandonando, mas somando descobertas, criando o que Gilles Deleuze chama de figura tridimensional do pensamento foucaultiano. (DELEUZE, 2008b, p. 117)

Desse modo, o autor inicialmente compõe o pensar a partir do ver e do falar, do visível e do enunciável do nível do saber, de onde extrai das coisas, as visibilidades, e das palavras e frases, os enunciados, compondo o pensamento como arquivo. Depois ele salta ao pensamento como poder da genealogia, onde apreende que as relações de poder compõem relações de força que não constituem apenas relações de violência, mas também ações, que são produzidas das relações de força com outras forças.

Ao final, Foucault chega ao pensamento como modo de subjetivação, em que buscará uma nova possibilidade de existência, a composição de regras éticas e estéticas de existência que não se confundem com as relações de saber e de poder, ou mesmo com a criação de modos de sujeito, mas que traduzem a composição de novos modos de vida.

---

<sup>1</sup> Embora saibamos a importância de compreender todo o conjunto da obra de Foucault para se constituir um entendimento adequado acerca de seu pensamento, em virtude do teor desse trabalho e da complexidade e amplitude da compreensão dessas noções, analisadas ao longo de toda a obra do autor, houve a necessidade de delimitar alguns textos específicos que possibilitassem tais entendimentos.

Notamos que essa composição, essa construção de noções centrais ao longo de seu projeto filosófico e de sua vida, vai constituindo suas idéias como se formasse uma trama, e a trama foucaultiana é produzida alinhando e enlaçando fios de distintas tonalidades, compondo um tecido matizado com a combinação estética de cores de um pensamento inquieto e criador.

Nas palavras de Deleuze:

Mesmo seu estilo mudava, renunciava às cintilações e aos fulgores e descobria uma linearidade cada vez mais sóbria, cada vez mais pura, quase apaziguada. É que tudo isso não era simplesmente questão de teoria. O pensamento jamais foi questão de teoria. Eram problemas de vida. Era a própria vida. Era a maneira de Foucault sair dessa crise: traçando a linha que lhe permitisse sair dela, e estabelecendo novas relações com o saber e o poder. (DELEUZE, 2008, p. 131)

Daí acentua-se a importância da compreensão de um pensar diferente em Foucault, essa atitude marca a construção de distintas gradações em cada nível de pensamento, nesse sentido, ele propõe outra maneira de analisar o poder e a verdade, que não se confunda com o modo como tradicionalmente se colocam esses objetos na história da filosofia; o autor, que muitas vezes é tomado como analista da obscuridade, fascinado por figuras marginais, tais quais, loucos, hermafroditas, leprosos, criminosos, se distancia de uma maneira de pensar e apresentar a verdade que lhe conceda uma posição centralizadora e absoluta, seja como representação da experiência originária, seja como essência, ou ainda enquanto paradigma universal de adequação aos diversos campos de saber.

Foucault procede do mesmo modo no que concernem as relações de poder, aparta-se de uma filosofia política que, enquanto discurso da verdade, visa apreender como pode compor os limites de direito do poder. Nesse sentido, o autor se afasta de uma teoria política moderna que aceita a predominância de determinado modelo jurídico-político, resultado de uma tradição advinda do contratualismo, que se organiza em torno da soberania e do primado da lei – em outras palavras, que trata fundamentalmente de fixar a legitimidade do poder, demarcando seus limites e exigindo que se exerça na forma da legalidade. Mas não apenas isso, o pesquisador toma distância

---

também de teorias que vão ao extremo no que concernem as arbitrariedades do poder, colocando o Estado como máquina de repressão e o direito apenas como meio de legitimar a prática da violência, ou seja, o poder sendo visto somente como algo negativo.

A relevância de semelhante pesquisa se reflete exatamente na possibilidade de pensar o poder e a verdade de uma forma diferenciada da tradicional, não com o objetivo de efetuar uma espécie de construção teórica ou estruturação crítica, a partir dos ensinamentos de Foucault, mas sim de realizar um refazimento dos caminhos por ele percorridos, na busca por possibilidades de constituição de pensamento diferenciadas, que possam esmiuçar e descarnar a composição do poder e da verdade.

### **As relações de forças com outras forças: as estratégias do poder**

Quando Foucault inicia seus estudos, mais propriamente na década de 1950, havia certa maneira de pensar o poder que era predominante, nesse momento, os mecanismos de que se dispunha para pensar o poder direcionavam para o problema econômico. O autor propõe que muitos estudiosos<sup>2</sup> já pensavam o poder há algum tempo, mas em função do legado teórico que o século XX herdou dos pensadores do século XIX, acreditava-se que os problemas relacionados ao poder (como a miséria, por exemplo) seriam solucionados com a resolução de questões econômicas.

Entretanto, tal raciocínio mostra-se equivocado, já que as atrocidades cometidas pelo totalitarismo – tanto fascista, quanto stalinista – vieram a evidenciar que mesmo com o equacionamento dos problemas financeiros (nesse período e ao menos no que concerne aos países desenvolvidos da Europa Ocidental) não só não estavam resolvidos os problemas relacionados ao poder, como eles causaram estragos tão profundos quanto os que resultaram da miséria dos operários, contraditórios produtores da riqueza do capital no século XIX.

O autor observa que os excessos do poder vigoram com força ainda mais acentuada, mesmo após o desfazimento do regime

---

<sup>2</sup> O autor cita como exemplo os estudos derivados do trotskismo, que desde os anos trinta realizaram um importante trabalho, fazendo surgir uma boa quantidade de considerações sobre o poder. (FOUCAULT, 2006a, p. 233)

---

totalitário nazista e recuo do totalitarismo stalinista, tornando necessária uma compreensão cada vez mais cuidadosa dos mecanismos de funcionamento do poder, o que não era feito naquele momento nem pela esquerda, nem pela direita, seja porque a direita terminava tratando apenas dos caracteres de sua legitimação, em termos de constituição jurídica, de soberania, seja porque a esquerda mais denunciava o poder como um cruel inimigo, em termos econômicos, do que compreendia suas nuances.

Somando a esse contexto a abertura que as lutas cotidianas de 1968 proporcionaram, e o surgimento de um pensamento crítico que Foucault chama de “saberes sujeitados<sup>3</sup>” é possível começar a pensar o poder de maneira diferente, compreendendo suas estratégias, seus efeitos e as relações de forças que estão em jogo quando se produzem as relações de poder. A partir desse entendimento o autor irá nos mostrar que, embora sejam estabelecidas comumente em relação ao poder associações com a polícia, o exército, enfim, com toda a aparelhagem do Estado, foi justamente fora da máquina do estatal que se formaram relações de poder fundamentais na constituição da genealogia dos saberes modernos, saberes que, utilizados através das devidas técnicas, puderam compor algumas das formas de dominação condensadas no conjunto do Estado.

Mas seu interesse não é excluir o Estado das relações de poder e sim colocar que o poder não está restrito a um campo único ou específico, como se pudesse ser localizado em um ponto, ou mesmo retido, como um bem de que se pode ter o domínio ou a propriedade, como algo de que o indivíduo possa dispor de alguma maneira, transferir ou alienar mediante cessão ou contrato – como acreditava a teoria jurídica clássica – o poder está em todo lugar, sua teia atinge a todos e nada escapa às suas relações e práticas.

O poder também não pode ser visto apenas como repressivo, afinal, se ele fosse somente uma força de negação, de proibição, exercício de violência ou de força negativa e coercitiva, que tem por encargo reprimir, haveria de chegar o momento em que não

---

<sup>3</sup> Foucault descreve os “saberes sujeitados” em uma aula do curso do Collège de France proferida em 1976, como aqueles saberes mascarados, encobertos por agrupamentos formais e funcionais, saberes compostos tanto pelos conteúdos históricos disfarçados, quanto pelos saberes particulares das pessoas, considerados inferiores e desqualificados. Para o autor esses saberes insurgiram em determinado momento, mais ou menos a partir da década de 1960, tornando possível um pensamento crítico, descontínuo, local, que não fosse centralizado, formado por teorias globais. (FOUCAULT, 2005, p. 11)

---

subsistiria. Ao contrário, o poder produz, engendra estratégias, atravessa toda a sociedade e cada um dos indivíduos que a compõe em um nível molecular, nas ínfimas relações que são traçadas no convívio social. (FOUCAULT, 2008, p. 8)

Assim, as teias das relações de poder penetram nas camadas mais finas e íntimas da sociedade, tratando de ocupar todos os espaços em táticas cada vez mais locais e individualizadas, controlando e gerindo a vida dos homens, ocupando-os com o trabalho, que também lhes confere utilidade econômica e poder de compra para o capitalismo, tornando-os cada vez mais dóceis e domesticáveis politicamente, diminuindo cada vez mais sua força de luta política, criando técnicas, mecanismos de controle sobre os homens e sobre os corpos dos homens.

Para compreender seu exercício, é necessário vislumbrar que o poder se constitui de uma relação entre forças e que a força se traduz por seu poder de afetar e de ser afetada por outras forças, assim, constitui afetos ativos (incitar, induzir, desviar, etc.) e afetos reativos (incitado, induzido, desviado, etc.), mas não passivos, pois a força, mesmo quando é afetada, produz efeitos, ainda que de reação, implicando uma composição, separando os poderes de afetar e ser afetadas, efetuando uma combinação das puras funções não-formalizadas e das puras matérias não-formadas, compondo, nesse teor, uma transmissão e uma disposição de singularidades. (DELEUZE, 2008a, 78-79)

Em suma, as referidas relações de poder movimentam a engrenagem genealógica da seguinte maneira: compondo relações de força com outras forças, constituindo ações sobre ações possíveis (como as ações de induzir, produzir, etc.), atravessando todas as forças em relação, e passando por todos, tanto dominados quanto dominantes, afetando-os e sendo por eles afetadas. Desse modo, o poder produz, não é negativo, não pode ter como elemento essencial a repressão; e tendo em vista que é estratégia, não propriedade, é exercido, não podendo ser possuído ou reduzido à forma estatal – ou melhor, pode-se dizer que é exercido, antes de ser possuído, considerando que somente pode sê-lo em uma forma determinada, tal qual, a forma Estado.

É preciso então realizar uma inversão de rumos: em vez de se tentar eliminar a dominação dentro do poder, seja encarando essas relações no âmbito da legalidade, seja na perspectiva da repressão e da

---

violência, deve-se deixar sobressair a dominação no seu âmago, mostrando como os mecanismos de poder atuam e são exercidos em sociedade, atravessando a tudo e a todos, produzindo uma heterogeneidade, constituindo estratégias. Assim, no lugar de levar em consideração apenas o poder dos mais fortes sobre os mais frágeis, pode-se tomar o poder como uma espécie de tecnologia que constitui e ao mesmo tempo atravessa os indivíduos, que são de uma só vez, efeito e centro transmissor de poder e não receptores passivos do mesmo.

Seguindo a linha de raciocínio aqui delineada, podemos dizer que a engrenagem genealógica alimentada pelas relações de poder funciona no sentido de uma análise da constituição e transformação das práticas sociais, assim como dos discursos e saberes produzidos, tudo em termos de estratégias e táticas de poder.

Nesse sentido, podemos introduzir tanto a noção de poder disciplinar, quanto a de biopolítica. Na primeira, formada no século XVII e XVIII, o poder é exercido de forma molecular e individual, sobre o corpo de cada indivíduo, desvelando-o enquanto objeto e mira do poder, atingindo mesmo as camadas mais finas da sociedade, com o intuito de confeccionar indivíduos tanto úteis, quanto mais dóceis fosse possível.

De modo resumido, pode-se dizer que a disciplina produz, por meio do controle dos corpos, uma individualidade dotada de características que se combinam e se efetivam através de técnicas específicas. Assim, a disciplina realiza a repartição e distribuição dos corpos, utilizando uma técnica de distribuição em quadros; considera a codificação e organização das atividades do indivíduo por meio da manobra; propõe uma espécie de acumulação e controle do tempo e do uso dos exercícios; e, por fim, é ainda combinatória, utiliza de uma combinação de forças efetivada através do procedimento das táticas.

Nas palavras de Foucault:

O poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e retirar tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropria ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo o que lhe está submetido, separa, analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até as singularidades necessárias e suficientes. “Adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para

---

uma multiplicidade de elementos individuais – pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios. (FOUCAULT, 2009b, p. 164)

Está formada então essa máquina disciplinar que age a serviço do poder e apresenta ainda uma composição singular: ao mesmo tempo em que funciona fornecendo mais eficácia e utilidade, aumentando as aptidões, as habilidades do corpo, ela inverte a energia que poderia surgir daí e a direciona para uma relação de submissão ao poder. Nesse sentido, pode-se dizer que esse “adestramento” da disciplina tem por objetivo, de uma só vez, aumentar a força econômica do corpo e diminuir sua força política.

Em segundo lugar, podemos descrever a noção de biopolítica, esta se constitui no final do século XVIII e início do XIX, centra-se na vida, aqui o poder busca controlar os possíveis eventos que podem acontecer em uma massa viva, que é a população, visando modificá-los, adquirindo controle sobre a vida e a morte das pessoas, aqui os corpos são situados em processos biológicos e reunidos por uma espécie de equilíbrio global.

Agora são levados em consideração fenômenos populacionais, processos biológicos e sociais, mecanismos regulamentadores de massas humanas, que se encontram não apenas em um nível estatal, mas nas chamadas instituições sub-estatais – tais quais, seguros e instituições médicas – e também nas pressões que são exercidas sobre o comportamento populacional como regras que garantem qualidade de vida e que interferem em cuidados com a organização da sociedade, a sexualidade, a procriação, as crianças, a saúde.

Tais mecanismos disciplinares e regulamentadores de poder podem ser articulados como tecnologias sobrepostas:

Uma técnica que é, pois, disciplinar: é centrada no corpo, produz efeitos individualizantes, manipula o corpo como foco de forças que é preciso tornar úteis e dóceis ao mesmo tempo. E, de outro, temos uma tecnologia que, por sua vez, é centrada não no corpo, mas na vida; uma tecnologia que agrupa os efeitos de massas próprios de uma população, que procura controlar a série de eventos fortuitos que podem ocorrer numa massa viva; uma tecnologia que procura controlar (eventualmente modificar) a

---

probabilidade desses eventos, em todo caso em compensar seus efeitos (FOUCAULT, 2005, p. 297).

Juntas essas duas tecnologias a serviço do poder, se conectam formando o biopoder, em uma sociedade de normalização da disciplina e da regulamentação, em que se exerce o controle sobre a vida em geral (seja corpo, seja população) fazendo viver ou deixando morrer, criam-se paradoxos como a bomba atômica, ressuscita-se o velho direito soberano de matar, já que a bomba atômica não apenas tem a capacidade de matar vidas, mas também de extinguir a própria vida.

Guardemos um pouco esses entendimentos e passemos agora a uma compreensão das formas de verdade, para, posteriormente, apresentar um entrelaçamento entre poder e verdade, ou melhor, para travar entre eles um combate, uma luta.

### **As formas de veridicção ou o jogo do verdadeiro ou falso**

Mais uma vez Foucault compõe outro olhar, outra maneira de pensar e apresentar a verdade, colocando-a em um lugar diferente da posição de centralidade e privilégio que lhe é concedida na cultura ocidental, e também em relação ao modo como a história da filosofia tradicionalmente a encara, seja como representação da experiência originária, seja como essência, ou ainda enquanto paradigma universal de adequação aos diversos campos de saber.

Desse modo, ele não se refere “a” verdade e sim ao que ele denomina formas, modos de veridicção, ou condições de possibilidade do verdadeiro ou falso, o autor expõe uma crítica à posição central da verdade, propondo uma história crítica do pensamento que implique uma “história da emergência dos jogos de verdade”, cuja apreensão não se daria no sentido de um jogo com regras de validade ou invalidade em que se pudesse extrair um vencedor ou um perdedor, mas sim na mira de uma “história das veridicções”, compreendida consoante as formas ou as condições de acordo com as quais é permitido o surgimento de discursos que podem ser considerados verdadeiros ou falsos, percebida como conjunto de regras de produção da verdade acerca de algo. (FOUCAULT, 2006b, p. 235)

No sentido de uma história crítica do pensamento, a verdade não estaria nas relações entre o sujeito que conhece e o objeto

---

a ser conhecido, mas seria produzida segundo regras e condições de formação e transformação, resultado das articulações entre os modos de subjetivação e objetivação, que são essas determinações das condições que um sujeito ocupa para se tornar sujeito legítimo de determinado conhecimento e das condições que possibilitaram a algo tornar-se objeto a ser conhecido.

De acordo com o autor: “Entendo por verdade o conjunto de procedimentos que permitem a cada instante e a cada um pronunciar enunciados que serão considerados verdadeiros.” (FOUCAULT, 2006a, p. 233)

Quando Foucault inaugura a disciplina *História dos Sistemas de Pensamento* em 1970, no Collège de France, essa aula se torna o livro *A ordem do discurso*, ali, em meio a sua inquietação diante dos sistemas de exclusão internos e externos do discurso<sup>4</sup>, ele apresenta uma busca pela vontade de verdade e pela separação histórica que dirige nossa vontade de saber. Para o autor, foi entre Hesiódo e Platão que houve tal separação, o discurso verdadeiro deixa de ser aquele ao qual era necessário subordinar-se, em que se observava o ritual e a pessoa que o proferia, passando a ser o conteúdo, o sentido do que se fala, assim, “a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação, para o próprio enunciado: para seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação, sua referência.” (FOUCAULT, 2009a, p. 15).

Nesse deslocamento o discurso apreciável deixa de ser aquele fixado ao desejo, ao poder ou àquele sujeito que exerce o poder, e a vontade de verdade termina mascarada, disfarçada pela própria verdade, afinal é o desejo e o poder que estão em jogo nessa vontade de pronunciar o discurso verdadeiro, e este, livre de desejo e poder, não poderá reconhecer a vontade de verdade, ocultando-a em uma verdade aparentemente rica e fértil, universal.

Segundo Foucault a vontade de verdade assume tal lugar que termina orientando os outros dois sistemas de exclusão que tocam

---

<sup>4</sup> Esses sistemas são os procedimentos de controle do discurso, eles podem ser externos, quando realizam a submissão da dimensão do discurso relativa ao poder e ao desejo, são eles: a palavra proibida, a separação entre normal e anormal e a vontade de verdade; podem ser internos, quando dizem respeito à sujeição do acontecimento e do acaso, tais quais: o autor, o comentário e a disciplina; e podem ser também o grupo de controle dos sujeitos que pronunciam o discurso, como os sistemas de restrição que são exercidos nos rituais da palavra, nas sociedades do discurso, nas doutrinas e mesmo no próprio sistema de ensino. (FOUCAULT, 2009a, 39-44)

---

o discurso externamente: a palavra proibida e a separação entre normal e anormal; ela acaba tomando-os, realizando alterações e fundamentando-os, ganhando assim reforço e profundidade, a vontade de verdade exerce uma pressão sobre os outros discursos, sendo sustentada por uma base institucional que vai, por exemplo, definir a maneira como as práticas econômicas, no século XVI, buscaram uma racionalização e fundamentação com base em teorias da riqueza e da produção.

Em outro livro, resultado da reunião de uma série de conferências realizadas por Foucault no Rio de Janeiro em 1973, intitulado *A verdade e as formas jurídicas*, o autor realiza uma análise a partir da obra *Édipo-Rei* de Sófocles, em que podemos observar tanto uma mudança nos elementos de enunciação da verdade, quanto uma separação, uma ruptura entre poder e verdade, entre poder e saber.

Tal se dá em Sófocles da seguinte maneira: toda a trajetória de Édipo é marcada por inúmeros altos e baixos, desde criança, quando expulso em razão da profecia de que seria ele a matar o pai e casar-se com a mãe, ele conhece a miséria, em momento posterior passa a ser criado por Políbio, acontecimento que o eleva ao cume, de onde volta a cair na fuga de seu trágico destino, errante, segue vagando de cidade em cidade até tornar-se um poderoso homem ao conhecer a glória no confronto com a Esfinge, embate a partir do qual Édipo reergue e cura a cidade de Tebas da peste. Esse homem, que possui a sua verdade exposta inicialmente pelos deuses, tenta escapar de seu fado, mas termina em sua fuga mesmo, encontrando-o novamente.

Em *Édipo-Rei*, a verdade é enunciada em primeiro lugar pelos deuses e depois pelos homens, escravos, testemunhas, fazendo com que os mecanismos de enunciação da verdade mudem, mas terminem confirmando o que haviam dito os deuses, daí em diante, Édipo, que antes era homem poderoso e sábio à sua maneira, à maneira da experiência, torna-se cego e fraco, unindo à profecia divina a memória dos homens, mas não apenas isso, a história de Sófocles acaba separando saber e poder que antes eram correlatos na figura de Édipo, determinando que aquele homem que desafiava os deuses, que detinha o saber a ponto de libertar a cidade e o poder de governar, não poderia detê-los, o saber torna-se então parte dos deuses e também daqueles que estavam a eles ligados, que adivinhavam o

futuro, pertencia até mesmo aos homens que podem ser testemunhas da verdade, mas não poderia estar correlato ao poder, que coloca-se agora no nível da cegueira, da ignorância, do desconhecimento, do sombrio.

Nessa análise Foucault configura a demolição da unidade em que o poder político era também um saber, característica dos grandes impérios assírios que os tiranos gregos da Grécia arcaica, marcados pela formação oriental, assim como os sofistas utilizaram de alguma maneira, mas que desaparece para o surgimento da Grécia clássica, reforçando-se com o grande mito platônico de que há uma antinomia entre saber e poder (FOUCAULT, 2009b, p. 39-51).

Além dessa separação, Foucault vislumbra o lugar da testemunha, que poderá, mesmo na humilde figura do escravo e porque foi ela que viu e é ela que se manifesta contestar mesmo o rei, o tirano, essas mudanças na Grécia, na forma de observar, nos sistemas racionais, na arte de convencimento, na retórica grega, somadas ao conhecimento por meio da testemunha, através da lembrança, do inquérito, configuram mudanças nas condições de produção da verdade, nas formas e regras a aplicar para produzi-la, mas esse nascimento do inquérito só foi retomado na Idade Média, permanecendo esquecido, mesmo sendo modelo com base no qual diversos outros saberes foram constituídos, compondo o pensamento grego, seja na filosofia, na retórica e na empiria.

O inquérito reaparece então no fim do século XII e no decorrer do XIII, bem diferente do anterior, exposto em *Édipo* e surge como uma espécie de avanço na racionalidade em contraposição aos rituais e suplícios do procedimento das provas<sup>5</sup>, no entanto, Foucault observa essa transformação nas práticas e procedimentos judiciais como produto de mudanças políticas da sociedade medieval, não como progresso da racionalidade. Aquele era mais um modo do poder ser exercido, maneira que foi se introduzindo no Direito a partir da

---

<sup>5</sup> As provas poderiam ser desde sociais, quando levavam em consideração a importância social do indivíduo; verbais, em que expressões a serem ditas de modo errado ou equivocado poderiam provocar uma condenação; até provas corporais, como os ordálios do fogo ou da água, nas quais o acusado era submetido a situações das quais deveria sair ileso para não obter condenação. Para o autor, há uma semântica da transposição simbólica do combate entre os indivíduos, no qual em uma luta, em um jogo de resistência física, a prova não determina aquele que disse a verdade, mas sim a vitória daquele que é o mais forte no jogo e por sua vez acaba tendo razão. (FOUCAULT, 2009b, p. 60)

---

Igreja e desenvolvendo nesse momento novas formas e condições de possibilidade do saber que se disseminaram da história europeia para o mundo.

Nesse sentido, irradiando-se em outras práticas, os inquiridos sobre a população, a situação das riquezas e mesmo quanto aos recursos, ampliaram o poder real e acumularam um saber econômico, de administração dos estados em fins da Idade Média, séculos XVII e XVIII, foi daí que se desenvolveram ciências como Economia Política e Estatística e também regularidades na administração dos estados e na transmissão do poder político.

Assim tende a desaparecer a prova, não apenas da prática judiciária, mas também de saberes que a utilizavam como procedimento, tal qual a Alquimia, Foucault recorda que ali não há uma forma de se propagar saberes, a Alquimia não se acumulou como resultado de inquiridos que buscassem chegar a verdade, nela existe um combate entre alquimista e natureza, o qual se compõe de regras, códigos e procedimentos que tem por base a prova; o novo saber de inquirido, soma de um tipo de poder e determinada quantidade de conteúdos de conhecimento, ou seja, forma de saber-poder, compõem saberes desde o naturalista, passando pelo botânico e chegando ao filológico; nas palavras do autor:

Parece-me que a verdadeira junção entre processos econômico-políticos e conflitos de saber poderá ser encontrada nessas formas que são ao mesmo tempo modalidades de exercício de poder e modalidade de aquisição e transmissão do saber. O inquirido é precisamente uma forma política, uma forma de gestão, de exercício do poder por meio de uma instituição judiciária, veio a ser uma maneira na cultura ocidental, de autenticar a verdade, de adquirir coisas que vão ser consideradas como verdadeiras e de as transmitir (FOUCAULT, 2009b, p. 77-78).

Desse modo, pode-se fazer sentir desde já o lugar a ser atribuído às relações de saber-poder, bem como a sua íntima conexão com a verdade, tal apreensão pode ser observada por meio de outro mecanismo de poder, que por sua vez se compõe de outra forma de saber, respectivamente, o poder disciplinar e o exame.

Anteriormente mencionamos o poder disciplinar, essa tecnologia anatômica que se utiliza dos instrumentos da vigilância, da

---

sanção normalizadora e do exame para obter o controle sobre o corpo do indivíduo<sup>6</sup>. Iremos nos ater ao exame para demonstrar como incide o funcionamento das relações de poder e das formas de saber a partir desse aparelho que combina os outros dois mecanismos da vigilância e da sanção.

Foucault destaca aspectos da Europa do século XVIII e XIX, mais precisamente na Inglaterra e na França, que contribuíram para o surgimento dessa forma de saber-poder, esse acontecimento decorre de uma nova distribuição espacial e social da riqueza individual e agrícola, uma nova forma assumida pela produção, o acúmulo de riquezas necessitando de outras maneiras de proteção da nova materialidade da fortuna, constituída em depósitos, maquinários, mercadorias, oficinas, matérias-primas, havia a necessidade de se compor mecanismos de controle para realizar essa proteção.

Esse controle constante do indivíduo, exercido sobre o corpo, o tempo, as ações e o lugar em que ele se encontra compõe novas formas de saber, dessa vez um saber diferente do testemunho e das ciências da observação do inquérito, é o saber de vigilância do exame, que abre espaço para o surgimento das ciências humanas, da Psiquiatria, da Psicologia e da Sociologia.

Nesse sentido, extrai-se inclusive um saber da observação, do registro e análise do comportamento dos indivíduos e também destes enquanto submetidos ao controle das chamadas instituições de seqüestro – fábricas, hospitais, escolas, prisões – assim é criado, por exemplo, um saber do operário sobre o trabalho efetuado e esse saber será utilizado para dar mais força ao controle, conectando o indivíduo ao trabalho, ou melhor, a um processo de produção, de formação ou de aperfeiçoamento de produtores, mas de maneira que essa relação é intermediada pelo poder e pelas técnicas de poder em nível molecular, garantindo a continuidade da produção.

Essa composição saber-poder fica mais clara ainda ao observar-se o funcionamento tanto dos hospitais, quanto das escolas, os hospitais passaram de espaço onde apenas se assistia aos pacientes,

---

<sup>6</sup> Tal composição apresenta como figura arquitetônica mais precisa o panóptico de Bentham, essa construção é elaborada para que se exerça uma vigilância constante sobre os indivíduos e ao mesmo tempo para que não se saiba quem realiza essa vigilância, assim os indivíduos são vistos, controlados e moldados nas divisões do ambiente que formam celas onde se poderiam colocar não apenas presos, mas também doentes em hospitais, ou mesmo estudantes em escolas e operários em fábricas.

a um lugar de saber, desde que, a partir do século XVIII, começaram a diagnosticar doenças por meio de exames, liberando epistemologicamente a medicina de uma inspeção descontínua e ligeira, realizada com base em uma utilização costumeira de autores definitivos. Nas instituições pedagógicas, o exame atua incessantemente em uma espécie de cerimônia do poder que ratifica e alimenta o ensino, ritual no qual aquele que ensina e está encarregado de transmitir o saber, valida esse saber por meio de um exame, ao mesmo tempo em que detém o poder sobre o saber que transmite.

Até o momento buscamos traçar, ainda que em breves linhas, um entendimento acerca do poder e da verdade, iniciamos um entrelaçamento com as relações de saber, e passaremos agora a evidenciar esse combate.

### **As nuances do saber-poder: a luta entre poder e verdade em Michel Foucault**

Em meio a sua busca por pensar de um modo diferente, Foucault se distancia de uma história da filosofia tradicional, compondo estudos diferenciados no que concernem a diversas concepções como a de homem, de sujeito, de história, de verdade, de saber, poder, entre outras, encontrando em Nietzsche uma ruptura com essa tradição da filosofia ocidental, especialmente Decartes e Kant.

Para Foucault o conhecimento foi inventado, não pode ser tomado como algo absoluto, gravado na natureza humana, inferido como consequência analítica, segundo algum tipo de derivação natural, ele é uma invenção e esta invenção se coloca em contraposição a idéia de origem, comum à tradição da história da filosofia, de acordo com esse entendimento, o encontro do conhecimento com a natureza humana e com o mundo só pode ser de luta, de risco e acaso, não pode ser um encontro de afinidade, de continuidade, não é instintivo, pois é um confronto, é violação das coisas a conhecer e não identificação com elas. (FOUCAULT, 2009b, p. 20-25)

---

Em função desse entendimento é que podemos dizer que será aqui travada uma batalha, a luta pela busca da verdade que está imbricada nas relações de poder e nas formas de saber. Nas palavras do autor:

Há um combate “pela verdade” ou, o menos, “em torno da verdade” – entendendo-se mais uma vez, que por verdade não quero dizer “o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro e o falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder”; entendendo-se também que não se trata de um combate “em favor” da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha. (FOUCAULT, 2008, p. 13)

Seguindo o entrelaçamento das relações de saber-poder com os mecanismos de alcance e autenticidade das formas de verdade e longe de endossar uma tradição que acredita que o saber só pode se desenvolver apartado das relações de poder, de seus interesses e exigências, o autor os aproxima de tal modo “que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo do saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder.” (FOUCAULT, 2009c, p. 30)

Dessa forma, pode-se dizer que os modos de subjetivação e de objetivação continuam se constituindo e se transformando de acordo com determinadas condições e regras de formação, em função de práticas, e é a análise dos procedimentos e técnicas utilizados em dadas práticas sociais e institucionais – que atuam exercendo forças sobre os indivíduos, modificando-os – que vai constituir uma correlação entre sujeito e objeto dentro de um jogo ou de jogos específicos de verdade.

Só é possível fazer uma história da verdade a partir de uma compreensão das condições em que ela se forma, desenlaçando-se do emaranhado de uma tradição de temas centrais do sujeito de conhecimento ao mesmo tempo absoluto e originário. Nesse sentido, a verdade é produzida, não é uma espécie de prêmio dado aos espíritos livres, como uma vantagem concedida àqueles que possuíram o conhecimento necessário para se libertar, mas sim uma produção

---

“deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e produz efeitos regulamentados de poder.” (FOUCAULT, 2008, p. 12)

Tais relações estão em tal medida enredadas, que as relações de poder produzem saber, fabricam instrumentos que explicam a produção dos saberes e das condições necessárias para que algo venha a ser considerado verdade, ou seja, produzem mecanismos que perpassam o modo como se geram, de um discurso a outro, efeitos de poder sobre os mesmos.

Isso pode ser evidenciado nas mudanças que a escolha da verdade ocasionou na vontade de saber ao longo do tempo, desde a separação entre discurso verdadeiro e poder da Grécia antiga; passando por uma vontade de saber do século XVI e início do XVII, que é marcada pela observação, verificação e investigação; e chegando ao século XIX, que possui os caracteres formadores da sociedade industrial e fundadores da ciência moderna. (FOUCAULT, 2009a, p. 62)

Desse modo é possível analisar as formas de construção da verdade a partir das práticas sociais, Foucault propõe uma análise partindo das práticas jurídicas, mais propriamente das práticas judiciárias penais, mas esse saber, que é iniciado no jurídico, dissemina-se por diversas outras práticas e campos de saber, costurando um saber-poder que é também formador de modos de subjetivação e de formas de veridicção.

Seguindo esse entendimento, o autor encontra na Alquimia um saber que se baseia na prática da prova; propõe o inquérito na Idade Média como mecanismo de aquisição do saber que será utilizado para estabelecer a verdade em domínios como a Geografia e a Astronomia nos séculos XIV e XV e em outros campos como a Medicina, a Botânica e a Zoologia, a partir dos séculos XVI e XVII<sup>7</sup>; e, nesse passo, acrescenta ainda como o saber de vigilância do exame permite o surgimento das chamadas ciências humanas, a Psiquiatria, a Sociologia e a Psicologia. (FOUCAULT, 2009b, p. 75)

Esses mecanismos de exercício do poder compõem ao mesmo tempo formas de alcançar, conduzir, adquirir e transmitir o saber que foi apenas iniciado na instituição judiciária, eles se difundem para os mais diversos setores do conhecimento como uma forma de saber-poder que constitui um modo de validar a verdade,

---

<sup>7</sup> Foucault propõe o inquérito também como mecanismo que torna possível a insurgência do Renascimento na história européia ocidental.

---

alcançando determinadas coisas consideradas verdadeiras e transmitindo-as.

Partindo dessa construção, pode-se acrescentar que é a sociedade mesma que irá, por meio de determinado domínio do saber, de determinada prática, em dado momento histórico e segundo regras das práticas discursivas e estratégias de poder específicas, distinguir qual o discurso pode ser verdadeiro e qual será falso, produzindo um regime de verdade dentro de um sistema de poder.

Nesse sentido, cada sociedade irá compor o seu “regime de verdade”, sua “política geral de verdade”, ou seja, os tipos de discurso que ela recebe e põe a funcionar como verdadeiros, os mecanismos e as instâncias que irão permitir que se diferenciem os enunciados verdadeiros dos falsos, as formas como se ratifica uns e outros; as técnicas e procedimentos aos quais serão dados maior valor no alcance da verdade; a condição, o lugar que é conferido àqueles que se ocupam em dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 2008, p. 12)

Para uma melhor compreensão desse regime de verdade, podemos explicitar ainda cinco características apresentadas pelo autor como historicamente importantes para uma “economia política” da verdade: a de que a verdade tem seu eixo no modo do discurso científico e nas instituições que o produzem; de que está sujeitada a uma contínua excitação econômica e política; de que é gerada e propagada sob o domínio prevalecente de alguns mecanismos políticos ou econômicos como, por exemplo, a universidade, o exército e os meios de comunicação; de que “é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão, de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas)”; e por fim, é ainda “objeto de debate político e de confronto social (as lutas “ideológicas”). (FOUCAULT, 2008, p.13)

Isto quer dizer que a verdade, sendo deste mundo, é construída por processos econômicos, políticos e sociais, é resultado de mudanças históricas precisas e não do estabelecimento de verdades universais. Somente assim será possível colocar em evidência os jogos de verdade, as estratégias do que se apresentou como verdade substância e representação da experiência originária, fazendo funcionar determinado regime de verdade, com seus discursos e suas

---

práticas, que irão dizer o que pode ser tido como verdadeiro e o que não pode.

Nesse sentido, Foucault direciona o seguinte entendimento:

Por “verdade”, entender um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados.

A “verdade” está circularmente ligada a sistemas de poder, que a [produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a produzem. “Regime” da verdade. (FOUCAULT, 2008, p. 14)

Com base no que foi exposto, pode-se dizer que para Foucault, não interessa liberar a verdade de todo sistema de poder (já que ela é composta por ele e gera efeitos de poder), menos ainda adentrar nos pensamentos das pessoas e modificá-los, trata-se, de fato, de apreender o regime político, econômico e institucional de produção da verdade, assim como de buscar a possibilidade de desconectar o poder da verdade das configurações hegemônicas com base nas quais ela se move em dado momento. (FOUCAULT, 2008, p. 14)

## Conclusão

Considerando que o foco dessa exposição recai sobre como se compõe a luta, o combate entre poder e verdade, podemos dizer que Foucault busca demonstrar que a verdade não é anterior ou absoluta, que é produzida no interior das práticas sociais a partir de determinadas condições de possibilidade, de um conjunto de regras (técnicas e procedimentos) que são estabelecidas nas práticas discursivas de determinados campos do saber, em dado momento histórico.

Ao observar atentamente as análises de Foucault sobre o discurso reconhecemos que a partir de determinadas regras das práticas discursivas e de estratégias de poder constantes da sociedade, foi possível a produção de uma verdade, ou melhor, de formas de verdade que vão se organizando em seu interior. Trouxemos exemplos retirados do interior da prática judiciária, mais especificamente da prática judiciária penal, em que se desenvolveram formas de verdade, de saber, relações de poder e modos de subjetivação que foram

---

produzidos em determinado período e a partir de dados acontecimentos.

Ao mesmo tempo em que a verdade se encontra composta pelo poder é geradora de efeitos de poder na sociedade e não pode ser dissociada dos processos que a compõe, dos domínios de saber, das formas de veridicção, das condições políticas que constituem a base na qual em dado momento é possível que sejam compostos determinados sujeitos de conhecimento, ou melhor, modos de subjetivação, modos de si e de pensar que figuram no social.

Diante de tais entendimentos, o que se torna urgente é compreender como se dá esse processo nas mais diversas práticas sociais, para que não sejamos ao mesmo tempo produtores e refêns dessa atuação, afinal, faz-se necessário assimilar o regime no qual atua a produção da verdade em sua parcela econômica, institucional e política, são essas estratégias que necessitamos apreender, tal qual Foucault o fez em relação a prova, o inquérito e o exame, esse conjunto de regras que nos permite desvendar o jogo de luzes do visível e do enunciável, do visto, do dito e do escrito.

Tal processo atua de forma molecular na sociedade, nos saberes, nas instituições, na família, na universidade, na constituição dos vários modos de subjetivação e também de formas de pensar e de agir no social, a partir do seu funcionamento foram possíveis manifestações como a do intelectual universal no século XIX – aquela figura que falava para todos, homem da justiça e da equidade que arrebanhava multidões – e do intelectual específico após a Segunda Guerra Mundial, mais propriamente com o físico atômico. (FOUCAULT, 2008, p. 10-11)

Edificar essa composição pode tornar possível encarar a ressonância dos efeitos de poder de dado jogo enunciativo, especialmente do discurso tomado como científico, desvelando qual discurso se quer minimizar e qual se pretende elevar, em determinado regime de verdade, isso traduz uma abertura de possibilidade na luta contra as relações de poder no lugar “[...] onde ele é ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da “verdade”, da “consciência”, do discurso.” (FOUCAULT, 2008, p. 71)

Podemos e devemos então utilizar as múltiplas composições teóricas foucaultianas como uma caixa de ferramentas, para abrir, expor esses mecanismos, desvelar sua engrenagem e a partir daí buscar colocar em ação outro funcionamento. Nesse sentido:

É por isso que a teoria não expressará, não traduzirá, não aplicará uma prática; ela é uma prática. Mas local e regional, como você diz: não totalizadora. Luta contra o poder, luta para fazê-lo aparecer e feri-lo onde ele é mais invisível e insidioso. Luta não para uma “tomada de consciência” (há muito tempo que a consciência como saber está adquirida pelas massas e que a consciência como sujeito está adquirida, ocupada pela burguesia), mas para a destruição progressiva e a tomada de poder ao lado de todos aqueles que lutam por ela, e não na retaguarda, para esclarecê-los. Uma “teoria” é o sistema regional desta luta. (FOUCAULT, 2008, p. 71)

### Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Tradução de Claudia Sant’Anna Martins; revisão da tradução de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2008<sup>a</sup>.

\_\_\_\_\_. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. 1972-1990. São Paulo: Ed. 34, 2008b.

FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Ditos e Escritos*. Volume IV. Estratégia, poder-saber. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006<sup>a</sup>.

\_\_\_\_\_. *Ditos e Escritos*. Volume V. Ética, sexualidade, política. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009a;

\_\_\_\_\_. *A verdade e as formas jurídicas*. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Moraes, revisão de Léa Porto de Abreu Novaes. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2009b.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 36ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009c.